

As raízes da violência

Antonio Marcio Junqueira Lisboa

Sumário

Apresentação. Introdução. O que vem sendo feito. A prisão de crianças. O resultado? Por quê? Causas da violência. Como prevenir. Programas destinados a prevenir a formação de comportamentos anti-sociais. Considerações finais.

Apresentação

Espero conseguir o apoio de todos na luta para convencer governantes, políticos e a sociedade em geral de que os distúrbios de conduta, cuja origem, na maioria das vezes, se inicia na primeira infância, são os responsáveis pelo crescente aumento das diferentes formas de violência. A falta de amor, atenção, segurança, limites, disciplina, valores, auto-estima são fatores determinantes da nossa caminhada para o caos social. Os resultados das medidas punitivas e repressivas de combate à violência que vêm sendo utilizadas, há mais de um século, têm sido decepcionantes. Ainda não nos conscientizamos de que é mais fácil construir crianças do que seguir tentando consertar adolescentes e adultos.

Introdução

O *Correio Braziliense* do dia 9 de novembro de 1999 relata a fala, a seguir transcrita, do deputado José Genuíno:

“Existe um grande volume de revelações envolvendo o crime organizado que sinalizam que, no Brasil,

Antonio Marcio Junqueira Lisboa é Membro da Academia Brasileira de Pediatria. Membro honorário da Academia Nacional de Medicina. Ex-presidente da Academia de Medicina de Brasília, da Sociedade Brasileira de Pediatria, da Sociedade de Pediatria de Brasília. Professor Titular de Pediatria da Universidade de Brasília.

ele esteja operando a partir de um estado-maior que coordena as suas ações estrategicamente planejadas. Índícios revelam a infiltração das organizações criminosas nas diversas esferas do Estado, e nos três poderes. Deputados denunciados como chefes de quadrilhas; policiais e outros ramos do Executivo estão contaminados pela presença de quadrilhas dedicadas ao tráfico de drogas, esquadrões da morte, assaltos, tráfico de armas. Juizes fazem parte do esquema de proteção de bandos organizados. O esquema abrange também empresas legais e o uso de instituições financeiras, para a lavagem de dinheiro. Nenhuma infiltração dessa envergadura ocorreria sem um planejamento central. Existem conexões entre quadrilhas que atuam em ramos criminosos diversos, e, em diferentes estados; surgem fios que ligam quadrilhas que atuam no tráfico de drogas, contrabando de armas, roubos de cargas e de veículos, etc. Surgem conexões entre os grupos que atuam no Acre, Alagoas, Maranhão, Piauí, Ceará, Amazonas, Espírito Santo, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. A violência urbana está relacionada com o crime organizado e com o tráfico de drogas e mata mais hoje no Brasil do que qualquer guerra dos últimos tempos. Em São Paulo chega-se à cifra de quase mil mortos por mês. O avanço do crime organizado, nas várias esferas sociais e de poder, confirma a completa falência do Estado. O Estado não só não mostra nenhuma eficácia no combate ao crime, como perdeu toda credibilidade perante a opinião pública de que possa fazer algo nessa área.”

O governo, diante de uma guerra civil não declarada, do crime organizado infiltrado nas diferentes esferas do Estado e nos três poderes, refém de uma polícia despre-

parada e temida pela população, com políticas de combate à violência com resultados pífios, e sem praticamente nenhuma idéia de como prevenir a formação acelerada de delinqüentes, sente-se perdido. Combate os brinquedos marciais, promove manifestações pela paz, tenta controlar programas de televisão, distribui cartilhas, faz apelos, tenta desarmar os cidadãos honestos, melhorar a iluminação das ruas e implantar ações de cunho punitivo e repressivo. Providências de pouco alcance na prevenção do aumento do número crescente de delinqüentes.

O que os governantes e políticos não conseguem entender é que a grande maioria dos violentos – delinqüentes, traficantes, homicidas, contrabandistas, assaltantes, corruptos, estupradores – é formada na infância, “fabricada” antes dos 6 anos de idade, quando neles é plantada a semente da violência. São fatores importantes na gênese da delinqüência: a falta de atenção, de amor, de segurança, de princípios, de valores, de limites, de disciplina e a baixa auto-estima, cuja maior responsabilidade cabe aos pais e aos professores. Além desses, são fatores extremamente importantes a privação materna e a violência doméstica.

Em 14 de janeiro de 1914, Franco Vaz, educador e pediatra, publicou um artigo, “Problema da Proteção à Infância”, onde, além de descrever a situação do menor abandonado no Rio de Janeiro, critica as ações governamentais e propõe medidas corretivas, que nunca foram implantadas. Passados quase cem anos, a situação vem deteriorando-se cada vez mais. E por que isso acontece? A resposta a esta pergunta está no fato de que as ações dos governos em relação à violência são de ordem repressiva, paliativa, cujo objetivo maior é o combate à violência, sem maiores preocupações com a prevenção das causas determinantes, responsáveis pela formação de delinqüentes. Medidas que visem a melhorar as condições socioeconômicas da população, controlar o narcotráfico, acabar

com a impunidade, coibir o contrabando e a venda de armas, embora importantes, são pouco eficientes, pois atuam somente sobre as causas predisponentes ou sobre as conseqüências da violência.

Considero que a prevenção à violência é principalmente um problema pediátrico, o que exigirá o concurso de profissionais conhecedores das necessidades emocionais das crianças – pediatras, psiquiatras infantis, psicólogos, educadores, assistentes sociais, sociólogos, antropólogos – para ser resolvido. Já o combate ou tratamento da violência é responsabilidade do Estado, da Justiça e dos órgãos de segurança. Sem programas dirigidos para a prevenção, a violência seguirá crescendo, consumindo recursos fabulosos sem o retorno esperado. Acredito que isso só poderá ser conseguido se houver uma atuação sobre as crianças nos seis primeiros anos de vida, durante o processo de formação de seus valores, do seu caráter, da sua personalidade.

Assim, neste Fórum proponho-me a tentar convencer os parlamentares de que a prevenção da violência é, em quase sua totalidade, de responsabilidade pediátrica. Ou protegemos nossas crianças para que se tornem adultos honestos e responsáveis, ou continuaremos caminhando, inexoravelmente, para o caos social. Trata-se, no fundo, de um problema de cidadania.

O que vem sendo feito

Em termos de política de defesa dos direitos humanos, o Brasil é um dos países mais avançados. É signatário de vários tratados internacionais, leis têm sido promulgadas e a Constituição Brasileira é considerada uma das que mais assegura direitos às pessoas, às crianças e aos adolescentes. O artigo 227 da Constituição visa a garantir às crianças e aos adolescentes, com absoluta prioridade, alimentação, educação, proteção, saúde, segurança. Infelizmente, na prática, não funciona, pois o que está prescrito não vem sendo cumpri-

do. A criança ainda é considerada uma das menores prioridades em nosso país. Perde para os bancos, por exemplo.

Há mais de meio século, inúmeras medidas vêm sendo tomadas para diminuir os episódios de violência. Entre outras, assinatura de tratados, promulgação de leis, implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente. Criação de Varas, Delegacias Especializadas, Escritórios de Defensoria, Conselhos Municipais e Tutelares. Comissões Nacionais, Estaduais e Municipais de Defesa de Direitos. Programas de proteção às testemunhas. Combate à pobreza, às desigualdades sociais, ao tráfico de drogas, ao contrabando de armas, à impunidade, à corrupção. Desarmamento da população, e, também, das crianças por seus brinquedos marciais. Construção de centros de ressocialização para “recuperar” infratores adolescentes (FUNABEM, FEBEM), delegacias, penitenciárias, presídios de segurança máxima. Conscientização da população, distribuição de cartilhas com recomendações para evitar os diferentes tipos de violência. Criação de ONGs que se dedicam a promover a paz. Promoção de cultos, protestos, passeatas pela paz e contra a violência, distribuição de fitinhas, cartazes, bandeiras e lenço brancos.

Em relação à Polícia: aumento do efetivo, treinamento adequado, criação de grupos especializados, além de compra de novos equipamentos. Aumento dos salários e punição de membros corruptos. Colocá-las nas ruas.

O combate à criminalidade é atribuição dos órgãos de segurança e do Poder Judiciário. A Polícia identifica os delinquentes, prende-os e os entrega ao Judiciário, que define qual o tipo de pena a ser-lhes atribuída.

Embora a Polícia seja a instituição que nos protege do caos, ela e o Judiciário estão contaminados pelo crime organizado, principalmente pelo narcotráfico. Inúmeros policiais e delegados, inclusive da Polícia Federal, considerada de elite, foram exclu-

idos por corrupção. Várias operações da Polícia Federal identificaram membros do Judiciário, inclusive ministros e desembargadores, participando de atividades ilícitas. Fatos preocupantes por serem eles os guardiões das leis.

A prisão de crianças

Acredito que os órgãos de segurança e a sociedade estejam completamente perdidos. Como se fossem avestruzes, escondem a cabeça na areia, para não enxergar a origem real do problema – as deformações da personalidade e do comportamento humanos, a maioria tendo origem na primeira infância.

O medo dos jovens transbordou os limites da racionalidade, em grande parte devido às notícias veiculadas pela mídia. Criou-se um clima de que algo mais teria que ser feito. Em lugar de se procurar as causas determinantes e atacá-las, acharam mais fácil tentar baixar a idade de responsabilidade penal. As pessoas que defendem essa diminuição não estão buscando uma solução para o problema da delinquência e da violência, e sim uma forma de conseguir dormir com tranquilidade, andar nas ruas com segurança, diminuir suas preocupações com a escola e o lazer dos filhos, garantir seu patrimônio pessoal e a sua vida, nem que isso custe colocar uma multidão de jovens nas cadeias. Para pacificar suas consciências, fingirão acreditar que a prisão será boa para eles, pois aprenderão lições de cidadania, de civilidade, de respeito à propriedade privada, de obediência às leis e de lá sairão cidadãos honestos. Assim pensando, estão na contramão dos penalistas que acreditam na falência pedagógica e de recuperação de nossas FEBEM e penitenciárias, e que o sistema carcerário existente, como produtor e reproduzidor da violência, esteja contribuindo para o aumento e não para a diminuição da criminalidade. Por essas razões têm proposto a aplicação de penas alternativas, como a prestação de

trabalhos à comunidade. A redução da idade penal é mais uma medida que em nada contribuirá para prevenir ou diminuir a criminalidade. Ao contrário, permitindo a restrição da liberdade pela colocação de adolescentes em centros de recuperação ou presídios, aumentarão os já graves problemas conseqüentes à superpopulação carcerária, e poderemos assistir, estupefatos, o contrário do esperado, a um aumento da criminalidade, pela formação de mais delinqüentes. J.C.E. fumava maconha, cheirava cocaína e tinha sua Beretta. Perguntado se achava que um garoto de dezesseis anos tem consciência do que está fazendo, respondeu: “Tem. Mas a redução da idade só vai encher mais as cadeias. Mas cadeia não reabilita ninguém. O cara sai da prisão seis vezes mais bandido. Em vez de discutir isso, deveria prevenir os crimes que ainda não aconteceram. A questão principal é melhorar o cara que está com vontade de roubar” (C.B. 18.03.98). Até J.C.E., 17 anos, sabe que o melhor é prevenir.

O resultado?

- As pessoas estão em pânico, inseguras, impotentes, acuadas, aprendendo a usar armas ou recebendo lições de defesa pessoal;
- A mídia relata, em um crescendo, episódios e cenas terríveis de violência.
- Nas capitais, mais da metade da população já foi vítima de violência.
- A polícia instrui a população a se defender.
- A população defende a pena de morte. Os linchamentos aumentam.
- Fazendas são invadidas.
- O futebol deixa centenas de feridos.
- Cresce o número de empresas de segurança.
- Aumenta a violência doméstica, a corrupção, roubos, assaltos, seqüestros, homicídios.
- A polícia é temida pela população, principalmente pelos pobres.

- Aumentam os corruptos, inclusive entre parlamentares, governantes, magistrados e policiais.

- As pessoas se defendem construindo grades, muros, compram armas, não saem de casa, não viajam à noite. Contratam seguranças, instalam equipamentos eletrônicos, usam carros blindados, helicópteros.

- Os presídios e centros de recuperação estão superlotados. Rebeliões, fugas, assassinatos são rotineiros e os motoristas assaltados e violentados.

- Narcotraficantes dominam favelas e bairros, decretando feriados e quem pode ali morar, viver ou morrer. Incendeiam ônibus, queimando as pessoas que estão em seu interior.

- O índice de corruptos está aumentando. Políticos, governantes, magistrados, policiais e empresários estão se locupletando com o dinheiro público, aquele que deveria ser usado para melhorar a saúde, a educação, a nutrição do povo.

- Cada vez mais homens, mulheres e crianças fazem cursos de defesa pessoal e manejo de armas de fogo.

- Os bandidos, de dentro de presídios, principalmente dos do Rio e São Paulo, utilizando celulares, ameaçam a população, já aterrorizada. Os falsos seqüestros chegam a um em cada 17 horas, só no Distrito Federal.

- A internet é utilizada por pedófilos, para roubar senhas e sacar dinheiro de bancos, para ameaçar pessoas e até para planejar roubos, seqüestros e assassinatos.

- Os roubos de carros, de transporte de cargas, de ônibus vêm aumentando tanto que os seguros estão cada vez mais caros.

- As milícias dominam os morros do Rio, competindo com a Polícia.

- Polícias do Rio e São Paulo em alerta. O assassinato de policiais, de agentes carcerários, ataques às delegacias e quartéis são acontecimentos comuns e preocupantes.

- Roubo de fios elétricos, tampas de bueiros, material de construção, telefones

públicos, tênis, gasolina aumentam o trabalho policial.

- Falsificação de documentos, de dinheiro, fabricação pirata de artigos são comuns.

- Os golpes, dos mais diversos tipos, têm se multiplicado: do Boi Gordo, do Avestruz Master, do Camarão, do Celular, do Orkut, da Internet, das Premiações (falsas), do Seqüestro, dos Acidentes, dando prejuízos milionários à população.

- Doleiros desonestos lavam dinheiro do narcotráfico.

- Concursos públicos para Polícia Federal, Tribunal de Justiça do DF, Ordem dos Advogados do Brasil, Procuradoria são fraudados.

- O contrabando e o nepotismo se tornaram uma praga.

- Um terço dos deputados escalados para investigar o caos nos aeroportos enfrenta problemas com a justiça.

- Aumento do número de bebês enterrados, jogados em lixeiras, lagoas, rios, ainda vivos.

- Estão roubando até sapatos de defuntos em velórios.

- Os tiroteios, verdadeiras batalhas entre traficantes e policiais, ou entre si, são cada vez mais freqüentes, matando e ferindo centenas de pessoas, aterrorizando a população.

- Em 2007, as operações Themis, Hurricane e Navalha, feitas pela Polícia Federal, prenderam e indiciaram centenas de pessoas acusadas de corrupção e formação de quadrilhas. Entre elas, magistrados, procuradores, policiais, parlamentares, governadores, funcionários públicos, empresários. Curiosamente, todos tinham emprego, bom rendimento, não estavam drogados; eram considerados cidadãos de "bem". Ironicamente, um deles é deputado e Presidente da Comissão de Justiça da Câmara de Brasília.

- No Brasil, de 1994 a 2004, foram assassinadas 476.255 pessoas. 175.548 tinham de 15 a 24 anos.

• Estudo de organismo das Nações Unidas feito em ocorrências policiais registradas nas duas maiores capitais do país, Rio de Janeiro e São Paulo, concluiu que o rigor da legislação não reduziu os índices da violência, inclusive a prática de crimes hediondos. No Rio, os homicídios aumentaram 162% no período de 1984 a 2003 e, em São Paulo, 292%. O tráfico de drogas aumentou de 950%, segundo estudos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A lei de crimes hediondos não alterou em nada a projeção do previsto para os anos seguintes.

Ao se referirem aos episódios de crescente violência, os jornais estão usando a palavra “guerra” para definir uma verdadeira situação de guerrilha urbana vivida pelas populações do Rio, São Paulo, Recife, Vitória, Porto Alegre.

Todos os tipos de violência vêm aumentando, o que significa que as medidas adotadas não têm contribuído em nada para a melhoria das condições de segurança.

Está-se chegando a um ponto que quem decide quem vai viver ou morrer é o bandido.

Embora pareça paradoxal, quanto mais planos de combate à violência são implantados, mais a violência aumenta.

Por quê?

Os planos de combate à violência não visam prevenir os desvios de conduta, da personalidade, do caráter, responsáveis pelo aumento do número de delinquentes, e, sim, combater os crimes, usando para isso de medidas punitivas e restritivas, enchendo os presídios, tentando “recuperar” portadores de graves distúrbios de conduta, boa parte irrecuperáveis.

Causas da violência

Há mais de um século, são formuladas as mesmas propostas para diminuir a violência – punir e prender – e os resultados são cada vez piores. Antes, havia uma polícia, depois, duas, três, quatro. Agora, cada

edifício, cada instituição, cada empresa contrata sua própria polícia. Cada pessoa tenta construir sua fortaleza particular. E o resultado dessas providências é que, em 2007, todos estão reféns do medo, quer estejam em casas, apartamentos, ruas, trabalho, escolas, supermercados, lojas, bancas de jornal, templos religiosos, meios de transporte. A descrença na segurança pública e a certeza da impunidade levam a população a viver enjaulada, encarcerada. E os bandidos... à espreita, do lado de fora.

Enquanto isso, a violência aumenta, em todas as suas formas de manifestação. E continua-se a bater na velha tecla, já mais que centenária, de se atribuir a culpa à pobreza, às desigualdades sociais, ao narcotráfico, à impunidade, à proliferação de armas de fogo, à falta de policiais, à falta de políticas públicas e, infelizmente, até ao próprio Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em síntese, para a redução dos índices de violência, o que temos visto são as seguintes medidas: a implantação de políticas sociais para diminuir a pobreza e promover uma justa distribuição de renda, diante das desigualdades sociais existentes; o controle ou a proibição do uso de armas de fogo pela população; o combate ao contrabando de armas e ao narcotráfico, com a melhoria do aparato policial e a agilização da justiça; criação de mais presídios.

Apesar de as citações anteriores constituírem, em alguns aspectos, avanços, refletidas como por exemplo na queda da mortalidade infantil e nos índices de desnutrição, a violência vem aumentando. E poderíamos perguntar: por quê?

A resposta está na sua causa determinante, a mais importante na gênese da violência. Ela é *endógena*, interna, depende do comportamento do ser humano.

Sem exceção, no centro de todos os casos de violência, quaisquer que eles sejam, onde e como sejam perpetrados, encontra-se um ser humano que a praticou. Na maioria das vezes, alguém criado por uma

família desestruturada, que não lhe deu a atenção, o amor e a segurança necessários ao seu bom desenvolvimento; que não lhe ensinou a importância da disciplina, dos limites, dos princípios e valores; que violentou a sua auto-estima, que o submeteu a episódios de violência física, mental, emocional, relacional e social.

Existe uma infinidade de casos que podem ser imputados a falhas na formação da personalidade e do caráter dos criminosos. Creio, por isso, que as medidas preconizadas pelos governos e pela sociedade não são capazes de preveni-los. Smith estudou oito assassinos de idade entre 14 e 20 anos. Em todos, a primeira infância foi marcada por episódios de desintegração familiar e privações, com graves repercussões sobre o processo de identificação.

Infelizmente, existe em nossa sociedade um crucial preconceito: o de que a pobreza e as desigualdades sociais sejam causas importantes no aumento da criminalidade. Talvez essa idéia derive da associação errônea de crime / favela = violência e de que favela = pobre, logo, o pobre seria potencialmente perigoso. Por conseqüência, combatendo-se a pobreza, os indicadores da violência diminuiriam. Terrível engano. Os pobres não são agentes e, sim, as maiores vítimas. A quase totalidade dos moradores em favelas, que representa um quinto da população, é constituída de cidadãos honestos, trabalhadores, que sofrem em sua convivência diária com situações de risco. Vale lembrar, não devemos confundir favelas com celeiro de marginais.

Na Índia, país com altos índices de miséria e pobreza, a criminalidade é baixa. Religião e sistema de castas mantêm a violência longe das favelas. Nelas não há tensão e medo. Não existe tráfico de drogas e armas. Pode-se caminhar em suas ruas durante a noite. Na Suíça e Canadá, países onde quase toda a população possui armas, a criminalidade é baixa.

Estudo da Universidade de São Paulo mostra que a criminalidade entre adolescen-

tes nas últimas décadas aumentou quase 10 vezes, apesar de terem mais acesso a escolas e aos empregos. Em 1960, 17% dos infratores, quando foram presos, eram analfabetos; 12% haviam cursado o ensino fundamental; 9% eram empregados, 11,6/100.000 jovens entre 12 e 18 anos haviam praticado crimes. Em 2002, 1,5% eram analfabetos; 67,5% haviam cursado o fundamental; 30% estavam empregados; 112,5/100.000 haviam participado em crimes.

Dizer que desigualdade social, pobreza, armas de fogo, por si só, são causas determinantes da violência é pura balela. Atrás de cada criminoso existe, quase sempre, uma personalidade doentia, principal responsável pela situação de violência em que vivemos.

Qualquer pediatra ou psicólogo, mesmo os menos preparados, sabe que o temperamento violento pode ser herdado ou adquirido. A herança pode ser responsabilizada por um pequeno contingente de indivíduos com comportamento anti-social, ou doentes mentais, atribuindo-se aos fatores ambientais que atuam sobre indivíduos suscetíveis – a maioria crianças com menos de 6 anos – a maior responsabilidade.

Esses profissionais aceitam que, até 3 anos, ou no máximo 6, a criança tenha estruturado sua personalidade, por já ter passado por vivências suficientes para isso. Dizem que, do ponto de vista da personalidade, do caráter e do comportamento, somos o que éramos aos 6 anos. Se essa afirmação é verdadeira, como tudo indica, as medidas para prevenir os distúrbios da personalidade e do caráter terão de ser tomadas antes dos 6 anos, preferencialmente antes dos 3.

Para Kramer existe uma fórmula infalível para implantar na criança, rica ou pobre, o que eu denomino a “semente da violência”, ou seja, produzir desvios da personalidade que irão predispô-la a tornar-se um delinqüente.

“Eis como você cria uma criança violenta: ignore-a, humilhe-a e pro-

voque-a. Grite um bocado. Mostre sua desaprovação a tudo o que ela fizer. Encoraje-a a brigar com irmãos e irmãs. Brigue bastante, especialmente no sentido físico, com seu parceiro conjugal, na frente da criança. Bata-lhe bastante.”

Eu adicionaria: ameace-a, castigue-a, engane-a, minta-lhe, seja permissivo, ensine-a que o mundo é dos “vivos”, vangloriando-se diante dela de atos dos quais deveria se envergonhar. Se isso não for suficiente, coloque-a em frente à televisão para assistir a novelas em que a desestruturação familiar é mostrada como um ganho social, bem como as safadezas, as imoralidades e os atentados ao pudor são mostrados como acontecimentos moralmente aceitáveis.

Hoje, está sobejamente comprovado que a qualidade dos cuidados parentais que as crianças recebem nos primeiros anos de vida, desde a concepção, é de fundamental importância para sua saúde mental futura. É necessário que elas tenham a vivência de uma relação íntima, contínua, gostosa, com suas mães biológicas ou substitutas, para o desenvolvimento do apego. É o apego, nos primeiros anos de vida, e a convivência com o pai, os irmãos, os avós que os psiquiatras infantis, psicólogos e pediatras julgam estar na base do desenvolvimento da personalidade, do caráter e da saúde mental.

A falta do aprendizado de valores, limites, disciplina, a baixa auto-estima, os maus-tratos e a privação materna são os fatores que mais contribuem para a formação de comportamentos anti-sociais e, conseqüentemente, para o aumento da delinqüência. Na origem da delinqüência e da criminalidade juvenil encontra-se uma personalidade instável ou perversa, mais raramente um distúrbio mental.

Kramer classificou a delinqüência em três grupos: 1) a associada com doenças mentais; 2) a associada com psicopatologia familiar com boas condições socioeconômicas; 3) a associada com problemas sociais graves. Obviamente, diz ele, a desestrutu-

ração familiar esteve sempre presente nos grupos “b” e “c”, e ela constitui um dos principais caminhos em direção ao caos social, pois afeta profundamente a saúde mental das crianças. E reforça o fato de que boas condições sociais não são suficientes para evitar a formação de delinqüentes. O que importa é o comportamento da família em relação à criança.

Em outubro de 2005, tramitavam na Câmara dos Deputados 153 projetos que tinham como objetivo promover alterações na segurança pública. Nenhum dos projetos e nenhuma das medidas neles preconizadas pretendiam melhorar o caráter, a personalidade, o comportamento das pessoas. Assim, continuarão as denúncias: de venda de sentenças pelos juizes; de corrupção dos políticos; do aumento crescente de policiais torturadores, venais, corruptos, assaltantes, homicidas; de acordos de representantes dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário com o crime organizado; de atos de violência contra as mulheres, crianças e adolescentes; do aumento da violência sexual e da prostituição infantil; do aumento crescente da violência urbana – roubos, estupros, pedofilia, seqüestros, assaltos, homicídios. Continuarão as mortes estúpidas, absurdas, por motivos fúteis sem uma explicação lógica, que comovem a população que se indaga: por quê? Todas as pessoas, sejam elas profissionais liberais, policiais, políticos, juizes, advogados, religiosos, governantes, continuarão a ser e a agir de acordo com normas, certas ou erradas, que aprenderam na infância. Nossos ancestrais tinham razão quando diziam “fulano tem berço” para designar cidadãos de conduta ilibada.

As causas externas – corrupção, impunidade, miséria, desigualdades sociais, contrabando de armas, narcotráfico, embora importantes para explicar o aumento da criminalidade, devem ser consideradas como causas predisponentes ou desencadeantes. Como demonstrado, os planos de “prevenção” e de combate à violência visam controlar as causas externas. Não

existindo uma política para a formação de bons cidadãos, o número de indivíduos com comportamentos anti-sociais (delinquentes, corruptos, marginais, estupradores, homicidas) continuará a aumentar.

Em resumo, as causas determinantes da formação de comportamentos anti-sociais, de delinquentes são: a criança não desejada; a má convivência familiar e o mau exemplo dos pais; os lares desestruturados; a falta de limites, de disciplina e principalmente de valores; a baixa auto-estima; a privação materna; a violência doméstica; a saúde mental precária. As causas predisponentes são: a miséria, as desigualdades sociais, o tráfico de drogas e de armas. As causas desencadeantes são: o uso de drogas; do álcool; do porte de qualquer tipo de arma; as emoções adversas (raiva, ciúmes, vingança, cobiça, etc).

Como prevenir?

As seguintes ações ou medidas são indispensáveis para prevenir os comportamentos anti-sociais, a delinquência, a violência: paternidade responsável; boa assistência pré-natal (feto); a amamentação; o apego; a boa convivência familiar (amor, atenção, segurança) e o bom exemplo dos pais. O ensino da disciplina, dos limites e, principalmente, dos valores, na família e nas escolas; promoção da auto-estima; prevenção da privação materna desde o nascimento (alojamento conjunto, internação conjunta em hospitais); promoção da adoção; prevenção da violência doméstica elevada (lares substitutos); papel dos professores - atenção, amor, segurança, ensino da disciplina, valores, limites, cidadania, educação moral e cívica; cumprimento pelas autoridades, com absoluta prioridade, do que preceitua o artigo 227 da Constituição Federal.

Programas destinados a prevenir a formação de comportamentos anti-sociais *Paternidade responsável*

A criança não desejada não será amada. A criança que não é amada não saberá

amar. Será uma forte candidata a distúrbios de conduta e à delinquência.

Famílias para todas as crianças

A privação materna e a violência doméstica são as causas mais importantes na gênese de comportamentos delinquentes. Assim sendo, cabe ao governo a iniciativa de conseguir que todas as crianças tenham famílias e de acelerar o processo de adoção. Psicólogos e pediatras estão cientes da importância da presença materna para a boa saúde mental das crianças.

Lares substitutos

Crianças vítimas de violência doméstica deverão ser colocadas em lares substitutos. A violência doméstica é a segunda causa em importância na geração da delinquência.

Ensino pelas famílias e professores de disciplina, limites, valores

Disciplina, limites e valores, como honestidade, lealdade, amor ao próximo, caridade, igualdade, não são congênitos. São ensinados pelos pais, familiares e professores. A conscientização das famílias, dos educadores, dos profissionais da área da saúde, da própria sociedade da importância desse ensino é de fundamental importância na formação de personalidades sadias. Os valores têm a ver com ser e dar e não com ter. São valores da personalidade: honestidade, sinceridade, coragem, tranquilidade, serenidade, autoconfiança, fidelidade. São valores de entrega: respeito, amor, carinho, altruísmo, compreensão, lealdade, generosidade, cordialidade, justiça e perdão. Corruptos são indivíduos que não aprenderam honestidade. Homicidas não formaram apego. Agressores não aprenderam amor ao próximo. É imprescindível a promoção do ensino dos princípios, valores, disciplina e limites para se prevenir os episódios de violência. Honestidade, lealdade, amor ao próximo, generosidade estão em baixa na bolsa de valores morais. Uma personalidade forte ajudará as crian-

ças e os adolescentes a resistir às grandes influências negativas, infelizmente tão presentes na atualidade, em nossa cultura e sociedade. Será que os pais, as famílias, os professores ainda sabem como ensinar valores, limites e disciplina?

Promoção da auto-estima

A maioria dos menores internados nos centros de ressocialização tem uma baixa auto-estima. E é tão fácil sua promoção, no seio da família e nas escolas. Elogios, prêmios, recompensas, elevam a auto-estima. Críticas e castigos destroem-na.

Educação moral e cívica

Ensinava-se, em casa e nas escolas, a respeitar os pais, professores, os mais velhos, as crianças, as pessoas, a pátria, a bandeira nacional. Cantava-se o Hino Nacional, comemorava-se o Dia da Bandeira, da Independência, do aniversário do colégio. Por que tudo isso acabou?

Promoção da saúde mental

Conscientizar as pessoas da importância do apego, da atenção, do amor, da segurança, da boa convivência familiar, do exemplo dos pais na formação de uma boa saúde mental, de uma personalidade forte, sadia e na prevenção dos comportamentos anti-sociais. Usar para isso os meios de comunicação.

Centros Integrados de Desenvolvimento Infantil (CIDI)

Criar os CIDIs, instituições encarregadas de supervisionar a saúde física, mental, emocional e social das crianças de menos de seis anos (creche e pré-escola), com a participação ativa das famílias na administração e manutenção das unidades.

Centros de apoio psicológico a crianças e adolescentes

Criar serviços de atendimento psicológico, para onde seriam encaminhadas as crianças e os adolescentes ao serem

constatados os primeiros sinais de desvios de conduta.

Centros educacionais para infratores com desvios leves de conduta

As crianças e os adolescentes que cometessem infrações leves seriam enviadas para centros educacionais, onde não existiriam grades, mas que contariam com professores, psicólogos, psiquiatras, pediatras.

Centros de reintegração social para infratores que cometeram graves desvios de conduta

Este tipo de unidade seria denominada UTI Social, para indivíduos que roubam de forma contumaz, estupradores, homicidas, incendiários, traficantes, contrabandistas. Deveriam contar com médicos, educadores, psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas, praxiterapeutas, e pessoal de segurança especializado.

Considerações finais

A violência é uma doença psicossocial. Não é causa e, sim, na maioria das vezes, conseqüência da ação de indivíduos portadores de sérios distúrbios comportamentais, derivados, principalmente, de transtornos afetivos graves com suas raízes na primeira infância. A semente da violência é implantada na criança em seus primeiros anos de vida.

No livro "A Primeira Infância e as Raízes da Violência", demonstro a importância da família, dos vínculos afetivos, dos valores, limites, disciplina, auto-estima na formação da personalidade e na prevenção da violência. Analiso os fatores que transformam uma criança em um delinqüente. Explico por que a violência segue aumentando, apesar das inúmeras medidas tomadas pelos governos há mais de um século. Discuto o papel da polícia, do poder judiciário, das instituições de ressocialização no combate à violência e que redirecionamentos carecem as políticas e as práticas atuais para uma efetiva redução da violência. Sugiro como

se priorizar as ações preventivas sobre as corretivas.

A prevenção dos distúrbios de conduta que levam à violência, à delinquência é atribuição da família, dos educadores, dos pediatras, dos psicólogos, dos assistentes sociais. Sem prevenção a violência continuará aumentando e caminharemos para o caos social, como já vem ocorrendo em

São Paulo e no Rio de Janeiro. Prevenir a violência é uma questão de cidadania que começa com o respeito aos direitos das crianças e dos adolescentes estabelecidos

Bibliografia

Lisboa. A.M.J. - A Primeira Infância e as Raízes da Violência, Editora LEG, Brasília, 2006.